

Prometeu, Ptolemeu, Pigmalião e alguns pigmeus

Mesmo na Rua Garrett, nos seus cafés ou nas suas livrarias, mesmo em todo o Chiado e arredores, não é todas as semanas que encontramos um titã. Diria mesmo que os pigmeus, vaidosos, invejosos e maldizentes, são mais numerosos do que os gigantes da Antiguidade. E a esta mesma constatação chegam os bibliógrafos que têm por obrigação fazer a triagem de montanhas de impressos políglotas, mas raramente mitológicos. Ora — que Ptolemeu me perdoe! — acabo de encontrar nos antípodas desta Terra, que não é tão plana como dizia o geógrafo grego, um titã. Publicado na Austrália, em vez de dar o fogo aos homens, lançou-se numa empresa tão colossal que não há palavras para a qualificar. Será ela simplesmente gigantesca? Ou, de preferência, monumental, ciclópica, faraónica, babilónica, hercúlea, himalaia? Opto por prometeica, pois este autor britânico diabólico que se chama, muito prosaicamente, Raymond Howgego está prestes a completar uma obra que volta a dar confiança no homem de ciência e o aproxima dos deuses ou, pelo menos, dos grandes enciclopedistas dos séculos XVIII e XIX, tempo em que um autor se podia ligar a tarefas tão grandiosas que eram quase míticas. Jamais este autor alcançará a glória ou a notoriedade fugaz, por exemplo, de um futebolista brasileiro, de uma qualquer estrela do ecrã ou de um rei da finança, mas daqui a cem anos a sua obra continuará a ser consultada com admiração pelo mundo inteiro. Mesmo nas bibliotecas lusófonas!

De quem se trata? De um antigo professor de física que, desde há cerca de vinte anos, vem preparando e escrevendo — sozinho, embora recorrendo a alguns informadores — uma enciclopédia que junta os exploradores de todos os tempos e de todos os oceanos e continentes, desde que tenham deixado, directa ou indirectamente, uma informação escrita da(s) sua(s) descoberta(s). O que exclui, evidentemente, os anónimos e os grandes condutores de migrações desconhecidas que cruzaram o globo em épocas anteriores à descoberta da escrita. Foram também excluídos os simples viajantes ou turistas que, apesar de terem deixado um registo escrito das suas

aventuras, não fizeram progredir o nosso conhecimento acerca do mundo. O que interessa ao nosso autor são os descobridores, grandes ou pequenos, e mesmo relativamente a estes é selectivo, pois não são as deambulações na Europa que retêm a sua atenção. Contudo, seria inexacto dizer que a sua *Encyclopedia of Exploration*¹ é um formidável canto de amor dedicado unicamente aos pioneiros europeus, pois também encontramos nela numerosos árabes — cuja língua o autor conhece —, chineses, japoneses e outros mercadores ou navegadores orientais. No entanto, sendo a literatura científica que utiliza sobretudo europeia (incluindo a russa), Raymond Howgego acaba por dar a primazia aos naturais desta turbulenta península.

Mas que extraordinária recolha de personagens largamente desconhecidas do grande público — e mesmo dos especialistas — fora da sua área linguística! Com Howgego não há chauvinismo, não há qualquer nacionalismo umbiguista que, como acontece no caso da literatura colonial, desfigura e desequilibra frequentemente a história da descoberta do mundo. Claro que, britânico de origem e mais à vontade, linguisticamente, no oceano das fontes e trabalhos em inglês do que no de «obscuros» tratados em húngaro ou em arménio, o autor tem tendência para dar a primazia à documentação que lhe é mais facilmente acessível. Resulta deste facto, aqui ou ali, uma sobrevalorização do papel dos anglófonos, mas esta não parece ser intencional.

O que é importante reter é que os três volumes actualmente (2007) disponíveis representam mais de 2600 páginas a duas colunas (quatro para o índice). O peso destes *in quarto* (210 mm × 285 mm) atinge perto de 7 quilos e estimamos que eles contêm 20 milhões de caracteres, o que dá uma boa ideia da extensão deste texto, mas não da sua importância. O vol. I ocupa uma grande parte desta obra, contendo 2327 artigos, que alimentam um índice de mais de 7500 nomes de personagens ou de navios. E apenas cobre o período das origens até 1800. A bibliografia indicada atinge as quase 20 000 entradas políglotas, por vezes comentadas, com indicação das traduções para os relatos de viagem que tiveram «maior» difusão. A maior parte destas entradas diz respeito a livros ou manuscritos. Não é por isso de espantar ver a *Encyclopedia of Exploration* citada como uma obra de referência nos catálogos das grandes livrarias especializadas nas viagens do passado. O vol. II é mais modesto, apesar das suas 700 páginas, visto dizer respeito apenas ao período de 1800 a 1850, e oferece-nos 732 artigos e um índice com os nomes de mais de 3000 grandes viajantes e 1000 navios em que são ainda citadas mais de 10 000 obras de referência. O vol. III ocupa

¹ Raymond John Howgego, *Encyclopedia of Exploration*, Horden House, Sydney (Austrália), vol. I, 2003, xv-1168 páginas, vol. II, 2004, xi-690 páginas, e vol. III, 2006, x-724 páginas.

734 páginas, distribuídas por 524 artigos, que tratam exclusivamente dos oceanos, das ilhas e das regiões polares de 1850 a 1940, neles se incluindo as viagens aéreas, mas deixando de parte as grandes explorações africanas, asiáticas e mesmo americanas. No índice são referenciados perto de 3000 novos viajantes e a bibliografia engloba ainda mais de 14 000 entradas.

Anuncia-se um novo volume para as «descobertas» continentais. Pessoalmente, penso que este último(?) volume deveria ter mais de 1800 páginas para não decepcionar os admiradores de Howgego. E talvez até fosse necessário encarar a possibilidade de um quinto volume para reintroduzir os «esquecidos», organizar tabelas cronológicas por país «emissor» (seduzindo o nacionalismo dos leitores) e país «receptor». Quando falava de uma empresa prometeica, não exagerava muito, pois não?

Quanto ao conteúdo de cada artigo, trata-se, essencialmente, de uma descrição detalhada — por vezes com apontamentos humorísticos — de cada viagem efectuada pelo autor principal do relato que esteve na origem do artigo. E Howgego, minucioso como um filatelista, dá-nos as datas marcantes, quase dia a dia, os nomes dos principais companheiros (oficiais, eruditos e mesmo, por vezes, passageiros embarcados nas viagens marítimas). Alguns artigos geográficos informam-nos sobre as principais descobertas por região. Este tipo de artigos aumenta notoriamente à medida que avançamos no tempo, em direcção à época actual, e é pena que o autor não os tenha multiplicado desde o vol. I. Mas este problema pode ser facilmente reparável se o autor se decidir a publicar, num quinto volume, tabelas por país. A bibliografia, monumental no vol. III (sete colunas dedicadas ao belga Gerlache de Gomery), divide-se entre (a) obras escritas pelo viajante e seus companheiros e (b) textos publicados sobre o viajante ou sobre as suas viagens por terceiros. As faltas ortográficas são raras. É claro que a importância dada a cada entrada é discutível: a Gago Coutinho são dedicadas apenas duas colunas, enquanto às ilhas Galápagos são dedicadas quatro. Mas, se não é possível contar rapidamente o número de entradas por país de origem, estimamos que haverá pelos menos entre 400 e 450 que são consagradas aos portugueses, e talvez ainda mais aos espanhóis, o que nos permite escrever que, se não encontrarmos, dentro de cinco anos, trinta exemplares desta *Encyclopedia* nas bibliotecas públicas ou privadas de Portugal, do Brasil ou da Espanha, ao bibliógrafo apenas restará mudar de profissão, pois, sendo esse o caso, todo o seu trabalho terá sido inútil. São com certeza, volumes caros, mas honram o seu autor e o seu editor australiano. Uma obra fabulosa e *indispensável*.

Tão titubeantes como deslumbrados, descemos deste Cáucaso da erudição onde sofre o nosso Prometeu insaciável e, ao baixarmos aos simples mortais, encontramos autores, alguns dos quais pertencentes à categoria dos pigmalhões, que, por vezes, se transformam mesmo em pequenos ptolemeus

(ainda que sejam raros no nosso lote). Alguns estão tão apaixonados pela sua obra que lhe fazem um apostolado tal que, moral ou cientificamente, transcende a rotina do seu quotidiano e se transforma na sua própria vida. Prestamos-lhes homenagem, a começar pelos hispanófonos, por este geógrafo suíço que teria podido contentar-se — como tantos outros peritos medíocres, consultores ou funcionários expatriados em África — com a sua «brilhante» carreira como funcionário das Nações Unidas, bem remunerada e insignificante pela sua inutilidade. Ora, Max Liniger-Goumaz, polígrafo no início da sua vida, tornou-se um «monógrafo» cuja estátua mais querida é a Guiné Equatorial, país cujas formas esculpiu como nenhum outro autor antes dele fez. Com ele, e graças a ele, deixámos de ignorar os seus adornos — e, além disso, os seus vícios —, pois, de uma bibliografia sobre os pigmeus em 1968, passou para uma macrobibliografia em 15 volumes sobre esse paraíso sufocante — e sufocado — que se chama Guiné Equatorial. No fim de 32 anos de esforços sobre-humanos, termina o seu trabalho de recensor com dois volumes² que representam 692 páginas consagradas a cerca de 11 000 novas entradas, num total de 54 015 referências compiladas depois de 1974. Somos bastante menos optimistas do que ele sobre a eventual continuação deste esforço pelos equato-guineenses num país onde a documentação é tão rara quanto a liberdade. Mas os sonhos não estavam interditos a Ptolemeu.

Presentemente, os que não têm pesadelos neste país abençoado pelos deuses são os que vivem do petróleo. É o que nos mostra um capítulo onde dois autores se perguntam se as sociedades petrolíferas poderão transformar positivamente a Guiné Equatorial e Angola. Eles calculam que em 2002 o petróleo representava 86% do PNB da Guiné Equatorial e 45% do PNB de Angola e, respectivamente, 61% e 90% das receitas governamentais. Sem esconder as graves acusações de corrupção que pesam sobre os dois casos, os autores mostram-se prudentemente optimistas sobre a vontade de moralização destas grandes empresas. O livro³, no seu conjunto, pretende estabelecer um elo de ligação entre a pesquisa universitária e a prática destes gigantes económicos.

E daqui saltamos muito naturalmente para o trabalho de uma jornalista canadiana que mostra que certas companhias não hesitam, durante muito tempo, em utilizar a força das armas para aumentarem os seus lucros em África. A autora remonta aos modelos do capitalismo musculado de Cecil

² Max Liniger-Goumaz, *Guinea Ecuatorial. Bibliografía General. XIV/1. Referencias 43204-50012; XIV/2. Referencias 50013-54015*, Les Editions du Temps, Genebra, 2006, 360 páginas + 332 páginas.

³ Wayne Visser, Malcolm McIntosh e Charlotte Middleton (eds.), *Corporate Citizenship in Africa. Lessons from the Past; Paths to the Future*, Greenleaf Publishing, Sheffield (RU), 2006, 285 páginas, com ilustrações.

Rhodes e do rei Leopoldo, dois exemplos bem conhecidos, mas o que nos retém no seu livro⁴ é o seu estudo da Lonrho em Moçambique e da Ranger Oil (Canadá) em Angola. Para a primeira, dirigida por um simpatizante nazi, o que conta é o saldo contabilístico. Por isso, quando foi necessário preservar a todo o custo o funcionamento do seu *pipeline* entre a Beira e o Zimbabwe, este «grande» amigo do presidente Machel pagou à RENAMO para que esta não atacasse o seu cordão umbilical. E, quando os comandos sul-africanos tentaram sabotá-lo, conseguiu convencer Mugabe a enviar o exército zimbabweano para Moçambique para assegurar a sua protecção, ao mesmo tempo que contratava mercenários para proteger as plantações da Lonrho dos ataques da RENAMO. Tiny Rowland foi um verdadeiro benfeitor da África até à sua morte. O inquérito de Madelaine Drohan sobre a utilização de mercenários conduziu-a, igualmente, à Lunda diamantífera em 1998, mas o essencial do seu capítulo angolano gira à volta (1) do emprego dos *war dogs* da Executive Outcomes em Soyo e (2) da extensão das suas actividades por conta do MPLA. É um episódio já bem tratado na literatura. A importância deste livro resulta do facto de deslindar os laços entre os responsáveis de certas grandes empresas e aqueles que lhes alugam os seus serviços armados para que elas continuem a prosperar em situações de instabilidade: a nossa herança grega na África negra? Talvez.

E, já que estamos no plano da moral, vejamos outros exemplos onde ela triunfa ao longo de séculos e de latitudes desconhecidas de Ptolemeu. *Africa and the Americas*⁵ pertence a esta inesgotável caixa de Pandora que alimenta centenas de historiadores dos dois lados do Atlântico. Para o que nos interessa, a obra — as actas de uma conferência realizada na Universidade de York (Canadá) em 2000 — contem vários capítulos importantes sobre: (1) a participação dos negreiros portugueses, brasileiros e espanhóis no tráfico transatlântico; (2) os escravos chamados «moçambiques» no Brasil; (3) as interferências culturais e políticas entre Moçambique e o Brasil provocadas pelo tráfico, etc. De notar que, por uma vez, o acento é colocado sobre o primado dos actores lusófonos e hispanófonos tanto na América como em África. Um livro muito rico, bem editado e com uma abundante bibliografia sobre um tema que está na moda.

Ainda no domínio da história, o estudo de Anne Samson⁶ aborda margens menos frequentadas, mas onde Portugal marcava presença. Por que é que

⁴ Madelaine Drohan, *Making a Killing. How and Why Corporations Use Armed Force to Do Business*, Random House of Canada, Toronto, 2003, ii-376 páginas.

⁵ José C. Curto e Renée Soulodre-La France (eds.), *Africa and the Americas: Interconnections During the Slave Trade*, Africa World Press, Trenton (Nova Jérсия), 2005, viii-338 páginas.

⁶ Anne Samson, *Britain, South Africa and the East Africa Campaign, 1914-1918. The Union Comes of Age*, Tauris, Londres, 2006, vi-262 páginas.

a África do Sul entrou em guerra — uma guerra assaz esquecida hoje em dia — contra a Alemanha na África oriental? Para, nomeadamente, obter o Sul de Moçambique e, em particular, Lourenço Marques! A partir de uma pesquisa aprofundada nos arquivos britânicos e sul-africanos, e apoiada sobre uma robusta bibliografia, a autora dedica-se sobretudo a expor as reivindicações territoriais e políticas dos Aliados, trazendo factos pouco conhecidos à superfície. Podemos citar, entre outros, as pretensões da British South Africa Company rodesiana (Beira, naturalmente, mas também Lourenço Marques), da Índia (Tanganica), da Bélgica (o Ruanda e o Burundi actuais, certamente, mas também a margem angolana da embocadura do Congo), de Portugal (o Sul do Tanganica e o triângulo de Quionga) e, sobretudo, de Botha e de Smuts sobre a Delagoa Bay e sobre toda a região até ao Zambeze. Para atingir este objectivo, Pretória esteve quase a dar em troca uma grande parte do Tanganica a Lisboa. As negociações diplomáticas são analisadas detalhadamente e, por fim, os sul-africanos não obtiveram qualquer território, pelo que ainda hoje alguns dos seus descendentes permanecem inconsoláveis. Outros, mais realistas, contentaram-se em colonizar economicamente o que os seus antepassados não puderam negociar em 1919.

Ainda no registo das generalidades relativas a vários Estados lusófonos, devemos mencionar — ainda que muito rapidamente — a indispensável revista *Lusotopie*⁷, que, entre o número do ano de 2004 e o de 2005, mudou de editor mas manteve a mesma equipa redactorial, sob a direcção do seu Pigmalião original, Michel Cahen. O ano de 2004 foi consagrado aos «Médias», para além das habituais «Mélanges» e «Chroniques». É, evidentemente, impossível pormenorizar aqui a riqueza do conjunto desta publicação, mas um artigo de um moçambicano sobre as relações entre os jornalistas «gauchistes» (*dixit*) e a FRELIMO entre 1975 e 1990 ensinou-me bastante. Em 2005, centrada sobre «O género e as relações sociais», refiro artigos tão inovadores como um que trata dos vestígios da identidade «portuguesa» na comunidade afro do Sri Lanka. Em 2006 a revista passou a ser semestral e no seu n.º XIII (1) aborda o tema da periferia das cidades. O seu futuro parece assegurado, apesar da pequenez do mercado e da indiferença (ou pior) de certas autoridades estatais que deveriam ser honradas e interessar-se pelas sociedades que supostamente representam. Em geral, elas preferem pagar a autores mais complacentes.

E agora? Agora entramos num domínio exclusivamente estatal e lusófono, começando por Timor. O primeiro título é inesperado, uma vez que foi

⁷ AAVV, *Lusotopie*, Editions Karthala, Paris, 2005, ano 2004, 490 páginas; Brill, Leiden, 2005, ano 2005, XIII-293 páginas; Brill, Leiden, 2006, vol. XIII (1), 207 páginas.

escrito por um general tailandês, chefe do Estado-Maior Interarmas (2003) em Bangucoque, que comandou as forças das Nações Unidas em Timor de 19 de Julho de 2000 a 1 de Setembro de 2001. Tendo beneficiado de uma muito grande distribuição gratuita, o livro⁸ do general Boonsrang Niumpradit vai na sua 3.^a edição (vários milhares de exemplares nas duas primeiras edições e outros milhares na presente edição), o que constitui, provavelmente, o recorde absoluto para um livro sobre Timor. Poderíamos esperar o pior do seu conteúdo, mas é aqui que este livro surpreende. É verdade que há uma centena de páginas que dizem respeito ao folclore militar de todos os exércitos do mundo (paradas, condecorações, discursos, etc.), mas há muitas outras que dão a conhecer uma personagem simpática, próxima dos timorenses (ele próprio teve uma infância rural muito pobre), mostrando saber navegar entre as susceptibilidades e as idiosincrasias de dezenas de contingentes nacionais, dos indonésios, da FRETILIN, das milícias, etc. Sem falar dos missionários, dos administradores da ONU, das visitas dos chefes de Estado, dos australianos, das ONGs, dos jornalistas, etc. Tudo isto consta, dia a dia, deste jornal, que está repleto de uma abundância de pormenores verdadeiramente invulgares, por vezes triviais, mas frequentemente esclarecedores. Se compararmos a divulgação desta obra com a impossibilidade de obtermos o livro publicado nas Filipinas pelo seu antecessor, Jaime de los Santos, podemos dizer que este livro tailandês é um exercício bem sucedido de relações públicas. O seu autor, antigo aluno em West Point e caminhante emérito, teria alcançado maravilhas no campo da diplomacia. Para um país como a Tailândia, que, historicamente, nunca teve relações directas com Timor, pode considerar-se uma façanha.

Outras perspectivas, outras responsabilidades, outra mentalidade. Penso que podemos colocar Rosely Forganês na categoria dos pigmalhões. Ela, a correspondente de guerra endurecida que, para uma rádio brasileira, corre o mundo de conflito em conflito, parece ter, finalmente, encontrado em Timor a estátua do seu lusófono coração enternecido. O número de jornalistas mulheres que, em várias línguas, escreveram um ou vários livros sobre as desgraças deste órfão da lusofonia é já considerável. À parte uma australiana, activista da causa timorense, nenhuma — parece-nos — se revelou tão apaixonada e compassiva. O seu texto é uma macrorreportagem que se desenrola entre os momentos quentes (Outubro de 1999, Agosto de 2000 e Agosto-Setembro de 2001). De cada vez, uma estada breve, mas, de forma muito profissional, trata temas muito variados. De facto, ela não fica parada,

⁸ Boonsrang Niumpradit (e Simon Ewing-Jarvie, ed.), *410 Days in East Timor. A Peace Keeper's Diary*, s. e., s. l., 2004, 3.^a ed., 398 páginas, com centenas de fotografias a preto e branco.

descobrimo personagens e situações ausentes dos outros livros. Sem sermos exaustivos, aqui ficam algumas: (1) um velho colono português deixado para trás depois da evacuação dos soldados portugueses para Lisboa que, durante três anos, resistiu no mato com a FRETILIN; (2) relatos de antigos archeiros pertencentes à guerrilha que, com as suas flechas, matavam indonésios; (3) a ajuda prestada por aviadores militares franceses; (4) um deputado timorense que se reclama descendente da família real britânica e... dos Kennedy: um exemplo incrível de mistura de factos reais com distorções da história oral; (5) as actividades do contingente brasileiro, etc.

Obter livros brasileiros sobre Timor é uma tarefa quase impossível para um vulgar bibliógrafo. Limitar-nos-emos a assinalar este⁹, cuja publicação beneficiou de apoios, mas cuja carreira comercial no Brasil parece ter sido difícil, tendo em conta o fraco interesse do público por este bocado de ilha longínquo, apesar da militância desenfreada da autora.

Dadas as relações (por vezes violentas na época colonial) entre Timor e Moçambique, dispensar-me-ei de qualquer justificação para retomar o fio do discurso sobre a antiga África oriental portuguesa (aliás, PEA para alguns autores anglófonos). *Mzee Ali*¹⁰ é um livro do qual esperei muito, pois é excepcional e mesmo único dispor de um testemunho de um antigo *askari* alemão sobre a sua campanha no Norte de Moçambique em 1917-1918. Infelizmente, apenas dez linhas dizem respeito a Moçambique nestas recordações de um antigo negreiro de Tabora, mais tarde soldado da Schutztruppe. Elas têm, no entanto, um interesse inegável, mas sobretudo pela construção do caminho de ferro de Dar-es-Salaam ao lago Tanganica. Não obstante, e supondo que o relato não foi muito «editado» pelo seu autor britânico, o nosso Ali fala de pilhagens nas povoações moçambicanas, enquanto as fontes alemãs clássicas pretendem, canonicamente, que os invasores foram acolhidos como libertadores.

E, desta forma, entramos na guerra. Aqui vamos permanecer com uma bateria de textos bem diferentes. *Maúia 6164*¹¹ é uma monografia sobre uma companhia de artilharia da qual o autor foi um dos alferes quando a companhia chegou a Maúia, distrito do Niassa, em Dezembro de 1961, onde permaneceu até Abril de 1964. O interesse deste trabalho, extremamente detalhado e ilustrado, prende-se com o facto de nos dar uma visão rara sobre

⁹ Rosely Forganés, *Queimado queimado, mas agora nosso! Timor: das cinzas à liberdade*, Labortexto Editorial, São Paulo, 2002, 507 páginas, com fotografias a cores.

¹⁰ Bror MacDonell, *Mzee Ali. The biography of an African slave-raider turned askari & scout*, 30.º South Publishers, Weltevreden (África do Sul), 2006, 221 páginas, com fotografias a preto e branco.

¹¹ José Alberto da Costa Matos, *Maúia 6164*, CArt 292, Porto, 2006, 144 páginas, com numerosas fotografias a preto e branco e mapas a cores.

a implantação dos militares portugueses *antes* do levantamento da guerrilha. Isto é, durante os últimos anos da paz colonial, numa região que se encontrava bastante afastada do desenvolvimento económico e social. À parte a cultura — durante muito tempo obrigatória — do algodão, os contactos dos africanos com a administração civil eram, nesta região, bastante limitados. No entanto, os macuas locais estavam informados sobre a agitação que reinava já na região dos macondes. De referir também as boas relações entre o chefe de posto, os comerciantes e os militares, tendo-se instalado 13 deles como colonos na região, o que não impediu que, em 1965, a FRELIMO começasse a atacar as fazendas. Por isso, esta colonização agrícola, demasiado tardia, teve uma duração curta e revelou-se um fracasso económico (pp. 88-90).

Avancemos para uma outra guerra moçambicana com *If I should die*¹². Um romance, brutal mas interessante, que homenageia os soldados rodesianos, relatando de forma especialmente longa as actividades de um comando que atravessa a fronteira em Manica para perseguir guerrilheiros da ZANU. Ele encontra um colono português aterrorizado que permaneceu na sua fazenda, um campo de trabalho onde a FRELIMO internou mulheres brancas, fugitivos portugueses, missionários católicos raptados pela ZANU, etc. Onde pára a ficção?

A mesma interrogação se nos coloca perante um documento extraordinário que temos dificuldade em classificar. Será que o seu autor é o verdadeiro Pigmalião por quem esperavam os estudos moçambicanistas, tão apaixonado por si mesmo, pelo seu papel de agente duplo — nomeadamente ao serviço da polícia secreta da FRELIMO — e pelas mulheres, em geral, que, provavelmente, inventou um género novo: o relato político «erógeno» (e, por vezes, mesmo francamente pornográfico)? O que é certo é que *Dossier Makwakwa*¹³ é um texto capital para conhecer a RENAMO, a partir do interior da própria organização, entre 1981 e 1987 (e também um pouco depois). Que eu tenha conhecimento, ninguém anteriormente descreveu de forma tão minuciosa a organização, as personagens e as actividades da RENAMO na África do Sul, em Portugal e na Europa ocidental. Os retratos de um jornalista-espião que encontrei, de um romancista activista de extrema-direita, de homens de negócios repatriados de Moçambique, de ex-secretários-gerais da RENAMO assassinados e de uma quantidade de outros actores de maior ou menor importância, fascinados pelo mundo inquieto da luta anticomunista ou anti-imperialista da época, só podem ter sido pintados por alguém que tenha

¹² Tom Hampshire, *If I should die*, Trafford Publishing, Victoria (Canadá), 2005, 226 páginas.

¹³ Paulo Oliveira, *Dossier Makwakwa. Renamo, uma descida ao coração das trevas*, Europress, Lisboa, 2006, 367 páginas, com numerosas fotografias a preto e branco.

convivido intimamente com eles durante vários anos. E esse alguém é o autor desta obra e antigo quadro da RENAMO. Dito isto, para um observador distante ou para um historiador pouco informado como eu, a impressão com que se fica pode resumir-se a uma única palavra: amadorismo de ambas as partes. O que não seria dramático se, por detrás destas pantominas lastimáveis, não se escondesse a morte de centenas de milhares de moçambicanos, o saque e a destruição de um país frágil que ainda não se libertou verdadeiramente desta terrível guerra civil, ao lado da qual as guerras coloniais do passado, mais ou menos recente, parecem contos de fadas escritos por um contador de histórias ligeiramente alcoolizado. E isso é imperdoável, mesmo «no coração das trevas africanas», qualquer que seja a orientação política dos leitores desta confissão lúbrica, *indispensável* para conhecer a história recente de Moçambique. Será mesmo indispensável? Sim.

O mesmo se diga de *Moçambique. Anatomia de um Processo de Paz*¹⁴. Com este livro continuamos no domínio dos serviços secretos, mas desta vez dos serviços secretos militares portugueses. Em duas palavras, trata-se, para o autor, um general que comandou os serviços secretos durante uma comissão, de demonstrar que Portugal desempenhou um papel maior nos contactos e nas negociações que permitiram chegar ao acordo de paz entre a RENAMO e a FRELIMO em 1992. Como uma parte dos arquivos dos serviços secretos (DINFO) foi destruída — procedimento defensivo e radical, mas frequente e que exaspera os historiadores de todos os países do mundo —, deveremos ainda durante muito tempo utilizar o testemunho muito informado e os documentos fornecidos como prova pelo general Joaquim Chito Rodrigues. Em resumo, ele mostra-nos que a DINFO conhecia bem as forças, as fraquezas e a organização da RENAMO, com quem estava em contacto estreito, e pormenoriza de forma clara tudo o que Portugal fez de 1988 a 1992 para aproximar os dois adversários. Alguns leitores poderão achar que ele esboça uma defesa subtil da RENAMO e uma recusa hábil da versão triunfalista da Comunidade de Santo Egídio. Tudo isto nos parece normal, vindo de um chefe dos serviços secretos, preocupado em repor os factos e em valorizar a sua acção. Todos reivindicam uma parte maior ou menor em qualquer vitória. Como não temos nenhum meio de determinar onde se situa o ponto de equilíbrio entre as diferentes verdades, contentamo-nos em dizer que é útil que Portugal apresente a sua versão dos factos. Este texto é, incontestavelmente, uma peça importante para os historiadores que um dia trabalharem sobre este tema, quando os fumos da propaganda se tiverem dissipado.

Entretanto, poderão medir as repercussões internacionais desta guerra civil inclusive na literatura destinada à juventude e numa língua que não

¹⁴ Joaquim Chito Rodrigues, *Moçambique. Anatomia de um Processo de Paz. Contributo para a verdade, «De Khmers Negros a Fátima». «De Marxistas-Leninistas à Democracia»*, ACD Editores, s. l., 2006, 431 páginas, com ilustrações a preto e branco.

esteve envolvida neste conflito. *De stille soldaat*¹⁵ conta a odisseia de uma criança de 12 anos da região de Inhambane recrutada à força para as tropas da RENAMO. Submetidos a uma disciplina desumana, sacrificados em ataques suicidas, estes reféns da loucura dos adultos não deixaram de lhes exigir contas. Mas a quem se podem dirigir e aonde? A Roma, a Lisboa, a Nairobi, à Beira ou a Maputo?

Encontramos, igualmente, a guerra moçambicana, mais ou menos virulenta ou encoberta, nos relatos dos missionários de diversas tendências. Em *An African Love Song*¹⁶ estamos perante uma dessas múltiplas organizações protestantes (Youth with a Mission) onde uma professora, futura tradutora da Bíblia em África, encontra em Harare um americano que lhe relata como — numa data não indicada — ele, a sua mulher e a sua pequena filha foram feitos reféns pela RENAMO numa missão não precisa. Teriam andado durante cem(?) dias, na Gorongosa, até ao Malawi. Com os episcopalianos de *The Scripture of Their Lives*¹⁷ apenas descubro duas páginas moçambicanas (Lebombo) que pouco referem os conflitos, mas nos textos dos católicos italianos a guerra emerge com força, a começar pelos dos capuchinhos da Apúlia, que escrevem a quente (1991) e abrem a história¹⁸ das suas missões na Zambézia inferior com as fotografias de três dos seus mártires mortos pela RENAMO na segunda-feira de Páscoa de 1989. Este livro, muito ilustrado, traça as vicissitudes do seu percurso (1951-1991): (1) sob a autoridade dos portugueses, que os acusavam de apoiarem clandestinamente a FRELIMO; (2) debaixo da autoridade da FRELIMO, que os persegue durante muito tempo; (3) sob o terror da RENAMO. São demasiadas dificuldades inúteis para gerações de missionários que, para além do seu trabalho de evangelização, foram também construtores, linguistas e mesmo botânicos. Um belo trabalho que ilumina um aspecto da baixa Zambézia em relação ao qual as fontes portuguesas publicadas não são muito numerosas. O mesmo se diga de um texto¹⁹, ainda mais erudito, que engloba um outro ramo dos capuchinhos, desta vez na Zambézia superior (capuchinhos de Trento).

¹⁵ Herman van Campenhout, *De stille soldaat*, Davidsfonds/Infodok, Louvaina, 2003, 94 páginas.

¹⁶ Betty Lou Lore, *An African Love Song*, iUniverse, Lincoln (Nebraska), 2006, 243 páginas, com fotografias a preto e branco.

¹⁷ Jane Butterfield (ed.), *The Scripture of Their Lives. Stories of Mission Companions Today*, Morehouse Publishing, Harrisburg (Pensilvânia), 2006, xvii-122 páginas, com fotografias a preto e branco.

¹⁸ Francesco Monticchio e Giuseppe Bartolomeo, *Puglia-Zambesia 1951-1991. Cappuccini di Puglia. 40 anni di cammino in Mozambico*, Missioni estere cappuccine, Bari, 1991, 138 páginas, com numerosas fotografias a preto e branco e a cores.

¹⁹ Lino Moccatti e Franco Giovanazzi, *Vita e lavoro dei Cappuccini in Mozambico. Guida Breve*, Biblioteca provinciale Cappuccini di Trento, Trento, 2005, 92 páginas, com numerosas plantas e fotografias a preto e branco e a cores.

Trata-se tanto de um guia prático como de uma história, missão por missão. Várias de entre elas foram recuperadas pelo clero diocesano; outras, abandonadas, estão já em ruínas, o que nos lembra a sorte das casernas do exército português uma geração depois da sua evacuação. A crise de vocações, a necessidade de pagar a mão-de-obra e a pobreza das comunidades locais obrigaram a uma retracção da rede de missões na baixa Zambézia. Segundo um dos autores, o futuro é incerto. Assim sendo, quem levantará as cruzes colocadas sobre os três túmulos dos missionários (p. 61) abatidos pela RENAMO em Inhassunge quando estas tombarem?

Regresso à guerra nesta mesma província da Zambézia, a partir de Fevereiro-Março de 1986, vista²⁰ por outro missionário italiano (um deoniano), também médico-cirurgião em Quelimane, que descreve honestamente o resultado final (os feridos que chegam ao hospital) dos ataques e das emboscadas. Ele irá substituir um médico indiano em Mocuba, mesmo no coração do conflito. Estamos no Boror e, se, em 1918, os alemães infligiram aqui uma sangrenta derrota (em Namacurra) ao exército anglo-português, pelo menos nesses tempos longínquos existia um comboio até Mocuba. Em 1986, a guerrilha já fizera explodir a linha e apenas se podia circular em caravana militar. O mesmo é dizer que o avião era o único meio de transporte relativamente «seguro». Muitas camas estavam ocupadas pelos feridos de guerra. Hospital de miséria, sem sabão, sem medicamentos, sem alimentos. A fome rondava e os refugiados amontoavam-se em Mocuba depois de as suas aldeias terem sido saqueadas e incendiadas. Não havia colheitas. O exército da FRELIMO instaura um recolher obrigatório. O autor amputa as vítimas das minas e faz o que pode por aquelas que foram esventradas a golpes de catana, de baioneta ou de punhal: homens, mulheres, crianças, tudo serve aos carniceiros da RENAMO ou aos grupos especiais do exército da FRELIMO que se fazem passar por guerrilheiros (p. 102). A estada durará quatro meses. Um livro raro, semelhante aos escritos por outros cirurgiões envolvidos na guerra civil angolana.

Do mesmo autor, referiremos um outro relato, anterior, que se desenrola na província de Tete em 1976. Nessa altura ele estava sediado no hospital de Songo, mas visitava os pequenos postos da margem sul do Zambeze. A importância do seu *Pa Citatu*²¹ reside no facto de nos trazer um testemunho sobre a situação em Cabora Bassa e nos antigos aldeamentos criados pelo exército português, que recentemente havia partido. Apesar de o exército rodesiano ter começado a bombardear ou a metralhar e, por vezes,

²⁰ Aldo Marchesini, *Viaggio a Mocuba*, Edizioni Proposta Cristiana, Milão, 1997, 119 páginas.

²¹ Aldo Marchesini, *Pa Citatu. Mercoledì*, Secretariato Missioni Dehoniani, Milão, s. d. [ca 1995-96], 143 páginas.

também a minar os arredores de alguns lugares onde supostamente se refugiariam guerrilheiros zimbabwuanos, não parece que as consequências de saúde nessa época fossem graves para as populações locais. Em todo o caso, nada de comparável àquilo que o Dr. Marchesini encontrará, dez anos mais tarde, na Zambézia. E é ao ler este género de livros que lamentamos que eles sejam difíceis de encontrar nas bibliotecas universitárias e daí que, praticamente, nunca sejam utilizados pelos historiadores. Os missionários não dão a devida importância documental aos seus escritos.

Para Angola, começaremos por um livro de homenagens a um chefe de Estado. Mesmo quando eles se elevaram ao Olimpo, onde Zeus acolhe outros «Pais da Nação», embalsamados sob pirâmides de louvores póstumos, os antigos ensinaram-me a desconfiar instintivamente deste tipo de literatura. O acordar é, frequentemente, doloroso (cf. Estaline, Mao, Chaka, etc.) para os crentes e os crédulos. Assim, com uma certa apreensão, começo por *Agostinho Neto. Uma vida sem tréguas (1922-1979)*²². Uma primeira olhadela (papel luxuoso, ilustrações abundantes e sumptuosas) e a menção aos mecenas desta edição (AAA Seguros & Pensões) não me tranquilizam de modo algum. Todavia, por consciência profissional, li as páginas (pp. 18-89) intituladas «Historial», redigidas por Acácio Barradas, e rapidamente me apercebi de que, neste caso, o historiador está em presença de uma pesquisa não apenas séria (documentos de arquivo, iconografia desconhecida, etc.), mas também original e relativamente equilibrada. Na minha humilde opinião, é a primeira vez — pelo menos num livro acessível na Europa — que dispomos de uma biografia detalhada de Neto de 1922 até à sua fuga de Portugal, em Junho de 1962. Os seus anos de juventude, de militância e de resistência em Angola e em Portugal, as suas prisões, a sua deportação para Cabo Verde, são tratados com um cuidadoso pormenor, verdadeiramente notável. O relato da sua «exfiltração», programada e executada pelo Partido Comunista, releva de um grande jornalismo. O resto do livro é ocupado pelo testemunho de amigos, da sua viúva ou de comentadores elogiosos e é, por isso, mais convencional. Acácio Barradas deverá conduzir o seu inquérito futuramente até entrar nos anos de provas e, depois, de glória à cabeça do MPLA. Mas encontrar, pela pena de Neto, numa carta dirigida ao ministro do Ultramar, um excerto do pensamento do subdirector da PIDE, o «ilustre» São José Lopes, de 1960, lembra-me os encontros que mantive com o «Grão-mestre dos Espelhos» em Angola. A Neto, que prendeu em 1960, disse (p. 67): «Se um dia houver independência, será uma independência de

²² Acácio Barradas (ed.), *Agostinho Neto. Uma vida sem tréguas (1922-1979)*. Edição alusiva ao 25.º Aniversário da morte do fundador da Nação angolana e ao 30.º Aniversário da independência de Angola, edição de autor (?), Lisboa, 2005, com numerosas fotografias e ilustrações a preto e branco e a cores.

brancos, como aconteceu no Brasil.» E a mim, inquiridor demasiado curioso e pouco convencido do luso-tropicalismo em Angola, que visitou as células da prisão política de São Paulo, o Grão-mestre São José Lopes diria seis anos mais tarde, em 1966: «Veja, Doutor, não seja tão impaciente. Em Angola há sete cães a um osso. E são cães de raças diferentes. Eu sou o Cão-Mestre» (cf. René Pélissier, *Explorar. Voyages en Angola et autres lieux incertains*, Éditions Pélissier, 78630 Orgeval, 1979, p. 249). A PIDE era dirigida por um vidente, que se enganava às vezes, mas que era eficaz e estava bem informado. Portanto, Acácio Barradas tem as qualidades e, provavelmente, a documentação necessária para nos dar um dia uma grande e completa biografia de Agostinho Neto, com as sombras e também as luzes da vitória.

Mas regressemos à guerra e às suas consequências em Angola. *An Unpopular War*²³ é um antídoto contra toda a literatura de antigos combatentes sul-africanos e rodesianos. J. H. Thompson, compilador desta litania de entrevistas, vai fazer ranger os dentes, pois recolheu as memórias de cerca de 30 a 40 recrutas mobilizados com 18 a 20 anos para cumprirem o serviço militar obrigatório na Namíbia e, às vezes, em Angola. As impressões, a 20-30 anos de distância, são negativas no que diz respeito à vida militar e à estupidez dos suboficiais e dos oficiais, sobretudo afrikaners. Há poucas descrições de combates em Angola (Môngua, Ngiva), mas um dos capítulos é consagrado às operações de 1987-88 e, em particular, à travessia do rio Lomba e ao esmagamento dos blindados do MPLA lançados rumo à Jamba para «destruir» a UNITA. De facto, a literatura militar sobre os avanços sul-africanos em Angola foi, até agora, redigida por membros das tropas de elite: pára-quedistas, Recces, o batalhão de Bushmen (ex-PIDE) e o célebre 32.º (formado, em grande parte, por ex-guerrilheiros do MPLA). Se os antigos combatentes portugueses quiserem ler este livro para compararem com as suas reacções, ficarão a saber que *bosbefok*, no calão afrikaans da época, queria dizer qualquer coisa como «gastado e estupidificado pela dureza da vida no mato». Será que isto lhes lembrará alguma coisa?

*O rosto pacífico de Angola*²⁴ é um estudo mais calmo, visto que foi redigido por um missionário católico muito informado, consequentemente, de todas as iniciativas da sua igreja e das de algumas ONGs para conduzirem à paz. Portanto, analisa as posições e os papéis que desempenharam ou quiseram desempenhar para influenciarem os políticos e os militares dos dois

²³ J. H. Thompson, *An Unpopular War. From afkak to bosbefok. Voices of South African National Servicemen*, Zebra Press/Struik Publishers, Rivonia (África do Sul), 2006, x-238 páginas.

²⁴ Michael G. Comerford, *O rosto pacífico de Angola. Biografia de um Processo de Paz (1991-2002)*, edição de autor, Luanda (difusão em Portugal: Centro de Estudos Africanos, ISCTE, Lisboa), 2005, xxix-318 páginas, com fotografias a preto e branco.

campos, os acordos de Bicesse, o protocolo de Lusaka e o *memorandum* de Luena, os três marcos maiores deste processo, embora só o último tenha conseguido pôr fim à guerra. Como viveu estes acontecimentos no terreno — e não a partir de um qualquer gabinete europeu —, este autor insiste na importância dos *media* locais, dos humanitários, dos militantes dos direitos humanos, das autoridades tradicionais, das organizações femininas locais, etc. O seu texto tem o mérito de tomar em consideração as aspirações de uma população esmagada por mais de 25 anos de guerra civil. São José Lopes não previu isto, mas Neto também não. Todo um povo *bosbefok!* Salvo aqueles que, em Luanda ou no estrangeiro, viviam muito bem com a continuação do conflito, *claro!*

*Fragments d'Angola*²⁵ é uma espécie de balanço de saída da crise narrado por dois irmãos em que aquele que escreve, Sébastien, viveu três anos em Angola, passados — julgamos — nos serviços de cooperação franceses, onde esteve encarregado da formação de professores locais. As fotografias, de Thomas, o outro irmão, são magníficas e a que abre o livro representa o mausoléu (inacabado) onde repousa Neto. Um símbolo de Angola! Não se trata de uma reportagem, mas antes de uma justaposição de experiências vividas e presenciadas, sobretudo em Luanda, mas também no Lubango, no Huambo, em Benguela, no inevitável Cuíto e, mais original na literatura recente sobre Angola, em Saurimo. Tendo em conta as dezenas de milhares de cooperantes de todas as motivações, os expatriados de todas as profissões, os missionários de todas as confissões e os agentes de todas as vocações, que Angola teve de acolher depois de 1975, poderíamos esperar uma proliferação das suas impressões. Não é o caso — pelo menos em francês —, o que é lamentável. Por isso, refiramos este texto, esperando que, em duzentos anos, um émulo do meu Prometeu «australiano» o inventariará mesmo que não saiba ler as línguas, nessa altura já mortas.

Quanto aos Pigmeus (com um P) da África central, admiro-os de mais para os confundir com os pigmeus (com um p) que asseguram a sobrevivência económica dos impressores. E, como somos sempre os pigmeus de alguém, deixo aos eventuais leitores desta crónica e dos livros que nela recenseei a descoberta do lugar onde se escondem, se encontrarem dois ou três. E, entretanto, vou mergulhar em Hesíodo e reler o meu velho Plutarco para ver onde é que me enganei na distinção entre titãs e anões.

Redigido em Agosto-Setembro de 2006.

Tradução de Carla Araújo

²⁵ Sébastien e Thomas Roy, *Fragments d'Angola*, Actes Sud, Arles (França), 191 páginas, com fotografias a preto e branco.